

RESENHA DE *FINNEGANS WAKES: TALES OF TRANSLATION* (2022), DE PATRICK O’NEILL

CRITICAL REVIEW: FINNEGANS WAKES: TALES OF TRANSLATION (2022), BY PATRICK O’NEILL



Guilherme Pereira Rodrigues BORGES
Doutor em Literatura e Práticas Sociais
Universidade de Brasília
Instituto de Letras
Programa de Pós-Graduação em Literatura
Brasília, Distrito Federal, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/4159373140920624>
<https://orcid.org/0000-0003-0573-9114>
gprborges@gmail.com

Resumo: Esta resenha aborda o livro *Finnegans Wakes: Tales of Translation* (2022), de Patrick O’Neill, que discorre sobre a história internacional das traduções do romance *Finnegans Wake* (1939), de James Joyce (1882-1941). O’Neill apresenta e analisa todas as 16 traduções completas publicadas dessa obra e também as numerosas traduções parciais para diversas línguas. Com capítulos organizados por décadas e por línguas específicas, o livro abarca desde os anos de 1930 até os anos de 2020, abordando os esforços iniciais de tradução de trechos de *Finnegans Wake* antes mesmo de sua publicação completa em 1939 e também apresentando as traduções atualmente em andamento e com previsão de publicação para os próximos anos. O autor demonstra, com vários exemplos, que o processo tradutório de *Finnegans Wake* envolve transformação e expansão, em vez de reprodução ou clarificação.

Palavras-chave: James Joyce. *Finnegans Wake*. Estudos da Tradução. Tradução literária. Literatura Irlandesa.

Abstract: This review addresses the book *Finnegans Wakes: Tales of Translation* (2022), by Patrick O’Neill, which charts the international history of translations of the novel *Finnegans Wake* (1939), by James Joyce (1882-1941). O’Neill presents and analyzes all 16 published complete translations of Joyce’s novel as well as the numerous partial translations into several languages. With chapters organized by decades and by specific languages, the book spans the period from the 1930s to the 2020s, covering the initial efforts to translate excerpts from *Finnegans Wake* even before its full publication in 1939, and also presenting translations that are currently in progress and expected to be published in the coming years. The author demonstrates, with several examples, that the translation process of *Finnegans Wake* involves transformation and expansion, rather than reproduction or clarification.

Keywords: James Joyce. *Finnegans Wake*. Translation Studies. Literary translation. Irish Literature.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

O livro *Finnegans Wakes: Tales of Translation*, de Patrick O’Neill, aborda a história internacional das traduções de *Finnegans Wake* (1939), de James Joyce (1882-1941). Segundo O’Neill (2022), analisando as 16 traduções completas já publicadas e considerando as treze anunciadas para a década de 2020, essa obra de Joyce é impossível de se traduzir: ela pode apenas ser reescrita. As traduções realizadas pelo próprio Joyce de trechos da obra para o francês e o italiano sugerem que o processo tradutório de *Finnegans Wake* será não de reprodução, réplica ou clarificação, mas de transformação e expansão.

James Joyce iniciou sua carreira literária como poeta e seu primeiro livro publicado foi uma coletânea de poemas intitulada *Chamber Music* (1907). Em seguida, buscando formas de expressão mais extensivas e menos pessoais do que a poesia, o autor se voltou para o conto e escreveu a coletânea *Dubliners* (1914). Após essa publicação, Joyce passou a se dedicar ao gênero romance com a publicação de *A Portrait of the Artist as a Young Man* (1916) e *Ulysses* (1920). *Finnegans Wake* foi a última obra que o autor escreveu e publicou. Costuma-se utilizar o termo “romance” para se referir ao livro por falta de um termo melhor, pois as convenções literárias desse gênero não estão presentes ou estão quase imperceptíveis no texto. De fato, a obra inaugurou um gênero que lhe é próprio e pode-se dizer que apenas *Finnegans Wake* e suas traduções fazem parte desse gênero particular.

Além das traduções completas de *Finnegans Wake* publicadas em 13 idiomas, incluindo francês, alemão, japonês, holandês, coreano, português, polonês, grego, espanhol, turco, italiano, latim e sérvio, são inúmeras as traduções parciais e incompletas. O oitavo capítulo de *Finnegans Wake* – o favorito de Joyce, como também de muitos tradutores –, publicado originalmente em 1928 como *Anna Livia Plurabelle*, foi traduzido 35 vezes de forma completa e mais 34 vezes de forma parcial ou fragmentária para 26 idiomas. Contabilizando as traduções completas e incompletas de diversos trechos e capítulos do romance, o número de línguas ultrapassa 30, e inclui desde as mais comuns até guarani, latim, egípcio antigo, etc.

De acordo com O’Neill, todas as suas traduções, ou reescrituras, e o próprio romance formam um “macrotexto” que é, ao mesmo tempo, a continuação da obra de Joyce e uma fonte contínua (já que novas traduções continuam a surgir) de intertextos. Ou seja, o macrotexto representa tanto extensão, na medida em que estende o número de textos (reescritos) de *Finnegans Wake* existentes, quanto expansão, na medida em que fornece leituras diversas através dos textos reescritos que, em princípio, contribuem para a contínua expansão do universo de *Finnegans Wake*. Conforme O’Neill,

o conceito de um macrotexto de *Wake*, com o foco em questões pós-textuais em vez de pré-textuais, estende o conceito de texto literário para frente no tempo, para incluir suas múltiplas e multilíngues traduções – algumas das quais, obviamente, serão mais bem-sucedidas e outras menos em fazer justiça tradutória ao extraordinário texto de Joyce. (2022, p. 4, tradução nossa)¹

O’Neill reconhece a importância de cada tradutor envolvido no processo de criação desse macrotexto e ressalta que cada um deixa a sua marca pessoal em sua própria extensão do texto de Joyce. Embora isso aconteça com qualquer texto literário traduzido, no caso de *Finnegans Wake*, o papel do tradutor é crucial, já que o texto traduzido afetará seus leitores de forma inteiramente diferente de como os leitores do texto de partida foram afetados.

O autor investiga as traduções de *Finnegans Wake* (*FW*) em três principais períodos: os anos iniciais das décadas de 1930 a 1960; os anos intermediários de 1970 a 1990 e os anos de expansão entre 2000 e 2020, sendo que a década de 2020 também se mostra muito promissora. São duas as principais tendências observadas nas diversas traduções: a primeira seria uma espécie de tradução semântica, na qual a preocupação está principalmente em transferir os significados, portanto, seria uma tentativa de explicar o texto de Joyce e extrair sentido da sua “pirotecnia verbal”. A segunda tendência seria uma tradução pragmática na qual tenta-se recriar em outra língua o efeito global do texto.

O primeiro capítulo consiste em uma listagem cronológica de todas as traduções publicadas nos três períodos estudados. Os capítulos seguintes fornecem mais detalhes sobre as traduções listadas e são dedicados a cada uma das décadas entre 1930 e 2020. Dentro de cada capítulo (com exceção do primeiro), há subseções dedicadas a línguas específicas, apresentando as traduções produzidas naquele idioma em ordem cronológica. Essa forma de organização permite ao leitor acompanhar o trajeto de *FW* nas línguas específicas de seu interesse ao longo das nove décadas abordadas. Excertos das traduções são apresentados e comentados em muitos casos, e a maioria deles mostra os trechos iniciais e finais da obra, bem como do oitavo capítulo do romance (*Anna Livia Plurabelle*).

O segundo capítulo aborda a década de 1930 e apresenta as tentativas iniciais de se traduzir o capítulo *Anna Livia Plurabelle* (*ALP*), que havia sido publicado em formato de livro em 29 de outubro de 1928, dez anos antes da publicação de *FW* de forma completa em 1939. A história da tradução de *FW* se inicia com as tentativas de tradução de *ALP*, sendo que Joyce participou ativamente dos processos de tradução iniciais desse capítulo, que era seu favorito. É

BORGES, Guilherme Pereira Rodrigues. Resenha de *Finnegans Wakes: Tales of Translation* (2022), de Patrick O’Neill. *Revista Belas Infêis*, Brasília, v. 12, n. 1, p. 01-09, 2023. e-ISSN: 2316-6614. DOI: 10.26512/belasinfeis.v12.n1.2023.43419

relatado que o autor levou 1600 horas para escrever *ALP*. Isso significa um total de 80 horas dedicadas a cada página ou 3 horas a cada linha.

Entre as principais traduções parciais de *ALP* exploradas no segundo capítulo estão: a tradução para o francês de Samuel Beckett e Alfred Péron, que estava prestes a ser publicada em 1930, mas que foi barrada por Joyce acreditar que ainda não estava perfeita; a tradução conjunta para o francês coordenada pelo próprio Joyce e publicada em 1931, que consistiu na revisão e reescrita da tradução de Beckett e Péron por colaboradores do autor; e a tradução para o inglês básico realizada por Charles Kay Ogden (1932), linguista que propôs uma forma extremamente simplificada do inglês padrão com um vocabulário limitado a 850 palavras, incluindo apenas 18 verbos.

No terceiro capítulo, O'Neill apresenta as traduções realizadas nas décadas de 1940 e 1950, iniciando com a tradução de trechos de *ALP* para o italiano – realizada por James Joyce e Nino Frank –, publicada em 1940. Com a eclosão da Segunda Guerra Mundial, as traduções se tornaram menos numerosas, mas retornaram ao fim da década de 1940 e nos anos de 1950. Entre as traduções realizadas nessa época estão as traduções fragmentárias para o francês de Michel Butor (1948/1949) e Maxime Chastaing (1951), uma tradução anônima de trechos de *ALP* para a língua sérvia (1956) e a tradução polonesa das páginas iniciais e finais de *ALP* de Jerzy Strzetelski (1959). No Brasil, Augusto e Haroldo de Campos realizaram traduções de trechos variados de *FW* que foram publicados no periódico paulista *Jornal do Brasil* em 1957. As traduções dos irmãos Campos foram publicadas em formato de livro em 1962 e recebem mais atenção no capítulo seguinte.

A década de 1960 é o tema do quarto capítulo. Esse período viu um modesto crescimento nas tentativas de tradução de *FW*, contando com traduções fragmentárias em 10 línguas. Os resultados mais substanciais incluem a tradução de cerca de 40 páginas para o italiano de Juan Rodolfo Wilcock (1961), a tradução de dois capítulos para o francês de André du Bouchet (1962) e a tradução de Philippe Lavergne (1968), também para o francês, de dois capítulos completos do romance. As demais traduções desse período incluem a de Salvador Elizondo para o espanhol (1962), a dos irmãos Campos (1962) e a de Manuel Lourenço (1968) para o português, a de Endre Bíró para o húngaro (1964), a de Leopoldo Rodríguez (1969) para o galego, entre outras.

O quinto capítulo aborda a década de 1970. Traduções parciais em nove idiomas surgiram nesse período, incluindo – pela primeira vez – traduções para as línguas russa (Andrey Sergeev, 1977) e croata (Nada Šoljan, 1978). Três traduções completas de *ALP* para a língua

alemã foram publicadas em 1970 com autoria de Wolfgang Hildesheimer, Hans Wollschläger e Georg Goyert; e a mais extensa tradução publicada até esse período foi realizada por Yukio Suzuki para a língua japonesa (1971).

No sexto capítulo, O'Neill explora a década de 1980, na qual comemorou-se o centenário de nascimento de Joyce no ano de 1982. Foi nesse mesmo ano de celebrações que surgiu a primeira tradução completa de *FW* até o momento: a tradução para o francês de Philippe Lavergne iniciada na década de 1960 e finalmente concluída. Segundo O'Neill, o texto de Lavergne se encaixa na categoria de tradução semântica apresentada anteriormente, ou seja, trata-se de uma tradução de cunho explicativo e normalizante. O tradutor desvia do francês padrão em poucos momentos e sua tradução contém mais de 600 notas de rodapé. Apesar do esforço heroico de Lavergne ser reconhecido, a opinião crítica generalizada foi de que faltou inventividade ao lidar com as características peculiares do texto de Joyce.

Ainda no sexto capítulo, há informações sobre traduções parciais que surgiram, pela primeira vez na década de 1980, nas línguas catalã (Josep-Miquel Sobré, 1982) e sueca (Georg e Gösta Friberg, 1987). Outras traduções de destaque dessa década incluem a tradução italiana de Luigi Schenoni (1982) dos quatro primeiros capítulos de *FW* e três novas traduções completas de *ALP* para o japonês (Masyoshi Osawa, 1982), para o coreano (Chong-keon Kim, 1985) e para o polonês (Maciej Slomczynski, 1985). Em 1985, foi publicada pela primeira vez a tradução realizada por Samuel Beckett e Alfred Péron de trechos de *ALP* para o francês. Em português, a tradutora brasileira Lya Luft traduziu mais de 30 trechos curtos de *FW* contidos na biografia *James Joyce* (1989), de Richard Ellmann.

O sétimo capítulo refere-se aos anos de 1990. Essa década trouxe mais duas traduções completas de *FW*: para o japonês realizada por Naoki Yanase (1991, 1993) e para o alemão realizada por Dieter Stündel (1993). Segundo o tradutor Naoki Yanase, o japonês é a “língua ideal” para se traduzir *FW* e Joyce com certeza “apoiaria o projeto e sentiria inveja por todas as coisas que o japonês é capaz de fazer que vão além das capacidades do inglês” (O'Neill, 2022, p. 164, tradução nossa).²

De fato, uma das principais características da tradução de Yanase é a maneira como o tradutor faz uso de *furigana*, uma forma de sobrescrita em *kana* que altera a pronúncia e/ou o significado de uma palavra escrita em *kanji*. Ao utilizar esse recurso específico do japonês, Yanase criou camadas de significação em seu texto e conseguiu emular os trocadilhos e os duplos sentidos que são tão marcantes em *FW*. Segundo O'Neill, “todo tradutor de *FW* necessariamente tenta recuperar o máximo possível da polissemia ostentada por Joyce.

Tradutores diferentes demonstram procedimentos diferentes para atingir esse objetivo” (2022, p. 184, tradução nossa).³

A tradução completa para o alemão de Dieter Stündel (1993) não teve uma recepção muito positiva. O tradutor foi criticado por agir com uma “arbitrariedade debilitante”, usando o texto de Joyce como um ponto de partida para suas próprias piruetas verbais. Segundo O’Neill, o tradutor reduziu o nível de complexidade e de alusividade da obra e aumentou, por conta própria e sem necessidade contextual, o número de referências sexuais e excretórias.

Entre as traduções parciais de destaque dessa década, estão a tradução para o espanhol de Víctor Pozanco (1993), a tradução para o húngaro de Endre Bíró (1992) e a tradução para o russo de Henri Volokhonsky (1996). Em português, as páginas finais do sétimo capítulo de *FW* foram traduzidas por Arthur Nestrovski (1990), e o primeiro volume da tradução de Donaldo Schüler foi publicado em 1999. Essa tradução de Schüler recebe mais atenção no capítulo seguinte.

No oitavo capítulo, O’Neill explora a década de 2000. Durante esse período, foram publicadas quatro traduções completas de *FW* para o holandês, coreano, português e francês. A tradução para o holandês, realizada por Erik Bindervoet e Robbert-Jan Henkes e publicada em 2002, representa a introdução da língua ao macrotexto de *FW*. Os tradutores foram impedidos por Stephen Joyce, neto de James Joyce, de chamar seu trabalho de “tradução”; segundo Stephen, o texto seria uma “adaptação”. Perante essa proibição, Bindervoet e Henkes criaram um novo termo para descrever a obra traduzida: ao juntar as palavras em holandês para “tradução” (“*vertaling*”) e “repetição” (“*herhaling*”), foi criada a palavra “*hertaling*”, cujo significado é algo como “repetição em outra língua”. Apesar da polêmica, a tradução foi recebida positivamente.

A tradução para o coreano foi realizada por Chong-keon Kim e também foi publicada em 2002. Entre as principais características dessa tradução, se tem a criação de neologismos com o uso de caracteres chineses misturados com a escrita coreana em vários pontos do texto; o objetivo é capturar o máximo possível da polissemia e das múltiplas conotações de Joyce. Segundo o tradutor, essa relação complementar entre as línguas acontece em função da natureza ideográfica dos caracteres chineses e somente a escrita coreana, que é essencialmente fonética, seria inadequada para a tradução de *FW*. Essa escolha tradutória acabou por deixar o texto inacessível a muitos leitores, já que, atualmente, na Coreia do Sul, as gerações mais jovens não aprendem e não são expostas aos sistemas chineses de escrita.

A tradução completa para o português do Brasil realizada por Donaldo Schüler foi

publicada em cinco volumes entre 1999 e 2003. Até então, por mais de 40 anos, as traduções dos irmãos Campos de trechos esparsos de *FW* eram as principais contribuições em língua portuguesa para o macrotexto. Schüler escolheu o título de sua tradução, *Finnicius Revém*, um empréstimo dos irmãos Campos, como uma forma de homenagear os importantes tradutores.

De acordo com O’Neill, Schüler adota, em várias ocasiões, o uso de referências brasileiras específicas em vez de irlandesas, assim estendendo o alcance internacional da obra. Por exemplo, para traduzir “*Dubblenn*” no texto de partida, que se refere à cidade de Dublin, na Irlanda, Schüler optou por “Dubelém”, evocando a cidade brasileira de Belém, no Pará, e também a Belém bíblica, além da própria Dublin. O’Neill também ressalta as traduções de nomes próprios no texto como “Estour A. Tim Panos” (“estoura tímpanos”, tradução de “Persse O’Reilly”) e “Coco-bem-Quisto” (tradução de “Hofedben-Edar”). Conforme O’Neill, o macrotexto de *FW* “é certamente flexível o suficiente para acomodar tais idiossincrasias que lembram inteiramente as liberdades tradutórias que o próprio Joyce tomou sem escrúpulos” (2022, p. 221, tradução nossa).⁴

Schüler lançou também, em 2004, uma versão da obra reduzida e simplificada para crianças com o título *Finnício Riovém*. Segundo O’Neill, essa é a primeira e única (até o momento) adaptação infantil de *FW* em qualquer língua.

A tradução completa para o francês realizada por Hervé Michel foi publicada em 2004 na internet e continua disponível para consulta.⁵ Para descrever sua tradução, Michel cunhou dois termos: “*intraduction*” e “*contraduction*”, juntando as palavras “introdução” (“*introduction*”) e “contradição” (“*contradiction*”) com “tradução” (“*traduction*”). Esses neologismos sugerem uma tradução que funciona como introdução a *FW* e, como todas as outras traduções dessa obra considerada intraduzível, uma tradução contraditória. A tradução de Michel foi bem recebida sobretudo por outros tradutores de *FW*. Conforme Marcelo Zabaloy, tradutor argentino da obra, “o que Hervé fez foi emular o espanto do leitor de língua inglesa diante do livro. Ele não endireitou, diluiu ou subtraiu as dificuldades; deixar o absurdo ser absurdo parece ser o fator chave” (O’Neill, 2022, p. 233, tradução nossa).⁶

No nono capítulo, O’Neill apresenta as traduções da década de 2010, a mais produtiva até então. Foram produzidas traduções completas e parciais para um total de 24 línguas e pela primeira vez para o esperanto, hebraico, norueguês, georgiano, egípcio antigo e latim. Entre as sete traduções completas publicadas nessa década estão a tradução para o polonês de Krzysztof Bartnicki (2012); para o japonês de Tatsuo Hamada (2012, 2014); para o grego de Eleftherios Anevlavis (2013); para o turco de Fuat Sevimay (2016); para o espanhol de Marcelo Zabaloy

(2016); e para o italiano em duas versões de Giuliano Mazza (2018) e Enrico Terrinoni, Fabio Pedone e Luigi Schenoni (2019).

Dentre os aspectos mais interessantes ressaltados por O'Neill dessas traduções completas, se tem o fato de que a tradução para o polonês de Krzysztof Bartnicki contém o mesmo número de 628 páginas que a publicação original de *FW* de 1939 (apesar do texto em polonês ter mais palavras), assim expandindo a noção de tradução para reconhecer uma relação física e estrutural entre o livro traduzido e o livro de partida. A tradução para o espanhol de Marcelo Zabaloy (a primeira completa nessa língua) também possui exatamente 628 páginas. Já a tradução grega de Eleftherios Anevlavis possui mais que o dobro de páginas do livro de partida, totalizando 1.608 páginas.

A língua turca, na tradução de Fuat Sevimay, em função de seu caráter aglutinante, se mostrou bastante apta para recriar as idiossincrasias da linguagem de Joyce. Em relação à tradução para o espanhol de Zabaloy, o tradutor chegou a ser criticado pelo uso exclusivo da variante argentina do espanhol, mas O'Neill argumenta que o tradutor seguiu um modelo estabelecido pelo próprio Joyce ao preferir o inglês de Dublin e o italiano de Trieste em vez da forma padrão de ambas as línguas.

8

A primeira tradução completa de *FW* em italiano, de Giuliano Mazza, pela editora Abax, surgiu em 2018. Sem muita publicidade e alvoroço midiático, a tradução surpreendeu a muitos, inclusive a editora Mondadori, que, desde os anos de 1970, vinha financiando uma tradução própria. A tradução que veio a ser publicada pela Mondadori no ano seguinte, em 2019, teve a autoria de Schenoni, Pedone e Terrinoni – sendo que o trabalho foi iniciado por Schenoni em 1974 e, com a morte do tradutor em 2008, Pedone e Terrinoni foram encarregados de finalizar a tradução.

Ainda no capítulo nove, em relação à língua portuguesa, O'Neill ressalta as traduções de trechos de *FW* realizadas por Caetano Galindo (premiado tradutor de *Ulysses*), Adriano Scandolaro e Vitor Alevato do Amaral. Também recebe destaque o projeto tradutório de Dirce Waltrick do Amarante que publicou, em 2018, uma versão reduzida de *FW* com o título *Finnegans Wake (por um fio)*. Segundo a sinopse do livro de Amarante, a circularidade da obra de Joyce faz com que a narrativa não tenha início, meio ou fim, então, a tradutora apresenta um possível fio narrativo com a seleção e tradução de passagens específicas.

No décimo capítulo, são abordados os anos iniciais da década de 2020 e as traduções planejadas para esse período. O'Neill relata o seu contato com tradutores de diversas línguas, incluindo português, alemão, dinamarquês, espanhol, russo etc., que confirmam para o

pesquisador o estado atual de suas traduções e o ano esperado de publicação.

Entre todos os idiomas apresentados no capítulo, o português é o mais proeminente com, no mínimo, cinco traduções completas planejadas para a década. Dirce Waltrick do Amarante confirma que está coordenando uma tradução conjunta de *FW* que envolve 11 tradutores.⁷ Entre esses tradutores, estão Luis Henrique Garcia Ferreira, Afonso Teixeira Filho e Vinícius Alves que, além de fazerem parte da tradução conjunta de Amarante, também confirmam que estão realizando suas próprias traduções de *FW*. A tradução completa de Caetano Galindo também tem publicação prevista para esta década de 2020. Uma possível tradução a ser realizada por Eclair Antonio Almeida Filho é mencionada, mas esse projeto teve que ser adiado indefinidamente.

Na conclusão, as principais informações apresentadas ao longo do livro são retomadas e sintetizadas. O'Neill destaca diversas tendências observadas ao longo do período estudado, incluindo o fato de muitos tradutores dedicarem décadas de suas vidas para completarem suas traduções de *FW*; as orientações explicativas observadas nas traduções iniciais que abriram caminho para traduções mais ousadas e criativas; os perfis dos tradutores que incluem muitos professores universitários, sendo que vários iniciaram traduções como parte de cursos de mestrado e doutorado, muitos são ou se tornaram autores literários, e a maioria é homem. Em relação à língua portuguesa, O'Neill também ressalta a proeminência do Brasil enquanto Portugal está notavelmente ausente do macrotexto de *FW*, com a única exceção da tradução de Manuel Lourenço (1968) da página inicial do livro.

Ao final do volume, há dois apêndices. O primeiro trata da tradução específica do título da obra, já que “as dificuldades dos leitores dos *Finnegans Wake*, e mais especialmente as dificuldades dos possíveis tradutores, começam já com o título, provocativamente sem o apóstrofo esperado pela maioria dos leitores” (O'Neill, 2022, p. 333, tradução nossa).⁸ O segundo apêndice lista as traduções existentes e esperadas de *ALP*.

Em *Finnegans Wakes: Tales of Translation*, Patrick O'Neill aborda a tradução de uma das obras mais revolucionárias e experimentais da literatura moderna. O autor considera em sua análise desde traduções feitas por importantes tradutores e publicadas por renomadas editoras, até traduções realizadas por acadêmicos independentes e publicadas em periódicos diversos ou em páginas pessoais na internet. O'Neill evidencia que, apesar das dificuldades, sempre houve o ímpeto de se traduzir *Finnegans Wake*. O impulso inicial foi dado pelo próprio autor – James Joyce – e, a partir de então, a obra se expandiu para horizontes diversos. Como ressaltou Haroldo de Campos (1992), um dos tradutores mais relevantes de Joyce no Brasil,

quanto mais dificuldades tem um texto literário, mais sedutor se torna esse texto enquanto possibilidade aberta de recriação, e isso é exatamente o que O’Neill demonstra com inúmeros exemplos.

REFERÊNCIAS

Campos, H. (1992). *A arte no horizonte do provável*. 4^a ed. São Paulo: Perspectiva.

O’Neill, P. (2022). *Finnegans Wakes: Tales of Translation*. University of Toronto Press.

¹ No original: “The concept of a Wake macrotext, focusing on post-textual rather than pre-textual matters, extends the concept of the literary text forwards in time, to include its multiple and multilingual translations – some of which will of course be more successful and some less successful in doing translational justice to Joyce’s extraordinary text” (O’Neill, 2022, p. 4).

² No original: “Yanase himself is reported to have considered Japanese the ideal language for translating FW and felt sure that Joyce would not only have embraced it as such but would even have been jealous of Japanese for all the things it is capable of doing beyond the capabilities of English” (O’Neill, 2022, p. 164).

³ No original: “Every translator of FW necessarily attempts to recuperate as much as possible of Joyce’s flaunted polysemy. Different translators demonstrate different procedures for accomplishing this aim” (O’Neill, 2022, p. 164).

⁴ No original: “a macrotextual Wake is certainly flexible enough to accommodate such individual idiosyncrasies – which are of course entirely reminiscent of the translatorial liberties Joyce himself had no compunction about taking” (O’Neill, 2022, p. 221).

⁵ *Veillée Pinouilles*, disponível em: <<https://archive.org/details/VeilleePinouillesVersion1Fevrier2016>>. Acesso em: 14 fev. 2022.

⁶ No original: “What Hervé has done is to emulate the astonishment of the English-speaking reader in front of the book. He didn’t straighten, dilute or thin difficulties; let nonsense be nonsense seems to be the key factor” (O’Neill, 2022, p. 233).

⁷ A tradução organizada por Dirce Waltrick do Amarante – *Finnegans Rivolta* – foi publicada em maio de 2022 pela editora Iluminuras. Segundo a organizadora, “cada tradutor ficou responsável por um ou mais capítulos do livro. As traduções foram feitas quase ao mesmo tempo e, idealmente, cada tradutor contou a sua versão da história para os outros”. Disponível em: <<https://www.iluminuras.com.br/finnegans-rivolta>>. Acesso em: 14 fev. 2023.

⁸ No original: “Readers’ difficulties with *Finnegans Wake*, and most especially would-be translators’ difficulties, begin with the title already, provocatively lacking as it does the apostrophe expected by most readers” (O’Neill, 2022, p. 333).